

Um Ato de Gratidão

Waldir Freitas Oliveira

Em suas *Meditações*, o Imperador Marco Aurélio, falando daqueles a quem admirava ou de quem se julgava, de algum modo, devedor, citou o nome de Sextus Empiricus. Dele realçando, dentre outras qualidades, sua benevolência, sua solicitude atenta para com os amigos, a boa harmonia com todos aqueles com quem convivia, o atinar, de forma essencial e metódica, com as normas necessárias à vida e ao seu equilíbrio. O ser, a um só tempo, afetuoso e sereno, seu modo sóbrio de elogiar sem alarde e a sua erudição criteriosa e vasta. Por tudo isso dele disse o Imperador filósofo haver sido alguém merecedor de veneração e respeito.

Aqui estou, na condição de intérprete da comunidade universitária da Bahia, para dizer o quanto devemos a Thales Olympio Góes de Azevedo, que muito nos vem dando sem nada em troca nos haver cobrado, a alguém que, como Sextus Empiricus, merece dessa comunidade, pelas suas raras qualidades, nosso maior respeito.

Saudação ao Prof. Thales de Azevedo na cerimônia de entrega ao mesmo do título de Professor Emérito.

Universitas (30): 25-32, maio/ago. 1982

Ingratos são aqueles que um dia receberam de alguém, qualquer benefício e que, podendo, não testemunham reconhecimento pelo recebido. Nem sempre escapamos, por culpa da imperfeição humana, à ingratidão. Por vezes, por mero comodismo. Felizes somos nós, hoje, no entanto, quando nos sentimos conscientes do quanto e a quem devemos e nos dispomos a resgatar a dívida.

No meu entender, esta solenidade é, antes de tudo, um ato de gratidão. Homenageamos alguém que recebe esta festa, provavelmente surpreso, por imaginar não merecê-la, convencido de que tudo o que fez, durante a sua vida, nada mais foi que o dever cumprido. Não pensam, porém, deste jeito, os que a prepararam. Por terem sido capazes de perceber nos atos praticados por Thales Olympio Góes de Azevedo algo que transcende os limites do cumprimento do dever estrito, algo que o eleva à grandeza dos homens que dão de si sem que avaliem o quanto estão, a cada dia, a oferecer, que se colocam além das linhas normais do comportamento, possuidores, em grau de exceção, daquelas virtudes pouco comuns que levaram Marco Aurélio a incluir Sextus Empiricus entre os que lhe permitiram a formação da própria individualidade e que lhe serviram como exemplo em seu comportar-se.

Agindo por força do ímpeto adquirido através de uma educação moral aprimorada que lhe proporcionaram a escola e a família, conseguiu o nosso homenageado de hoje tornar-se, por deliberação consciente, a um só tempo, generoso e sábio. Em função de um conhecimento vasto e de uma bondade infinita.

Conhecimento vasto, sobejamente comprovado pelo número significativo dos seus trabalhos e pela qualidade inegável dos mesmos. E, ainda mais, pela variedade dos temas por ele tratados em quase duas centenas de contribuições, surgidas sob a forma de comunicações, conferências, recensões, artigos e livros, ao longo de um tempo praticamente ininterrupto, de 1927 aos nossos dias. Cinquenta e cinco anos de trabalho científico numa existência de menos de oitenta. O que o torna estimulante exemplo para todos aqueles que se dedicam ao culto desinteressado da ciência propriamente dita.

Da Medicina à Antropologia traçou o seu caminho, vez por outra a percorrer trilhas vizinhas para onde o levaram a inquietação do pensador ativo, do observador atento, do homem sensível. Sobre todas elas pisou com passos firmes, fugindo sempre à erudição ostentosa e vazia, obediente a uma metodologia de trabalho que lhe permitiu definir, de maneira precisa, os seus objetivos, e melhor ainda, desenvolver a sua caminhada sem a inconseqüência das palavras fátuas e dos vãos desvios.

Pouco importa, a esta altura, fixar-se quando o médico se tornou um mestre da Antropologia. Pois que tal transformação se deu, de modo gradativo, quase imperceptível, conduzindo-o de uma

para outra área do conhecimento, num fluir sem traumas, sem interrupções ou intervalos bruscos. E se era ainda o médico que escrevia, em 1940, sobre a habitação rural e sobre a alimentação, com base na etnografia, um ano após já se torna difícil separar-se o médico do antropólogo, quando escreve sobre o rancho dos gaúchos, sobre a tuberculose no Brasil pré-cabralino ou sobre os vegetais usados como alimento ou remédios pelos nossos indígenas.

Numa fusão perfeita entre a Medicina e a Antropologia continuaria Thales de Azevedo pelos anos 40, principalmente a partir de 1942, quando, com a fundação da Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia, lhe foi confiada a regência da 1ª Cadeira de Antropologia e Etnografia.

Inicialmente atraído para os pontos de contacto que reconhecia existir entre os estudos médicos e antropológicos, se por um lado escrevia sobre os padrões alimentares da população baiana, sobre os problemas relativos à nutrição e à saúde pública, por outro, já se sentia capaz de também escrever sobre os preconceitos raciais em face da ciência, sobre a obra científica de Melville Herskovits, e principalmente, sobre os gaúchos, já então plenamente convicto, conforme afirma em sub-título, tratar-se aquele seu trabalho sobre os homens do Pampa, um trabalho de Antropologia.

Em 1949, ano tão importante para a nossa terra, o primeiro dos seus grandes triunfos - o êxito do seu livro *Povoamento da Cidade do Salvador*, que o colocava, definitivamente entre os nomes maiores dos que escreveram sobre a Bahia. Obra justamente premiada, se tornaria, de imediato, fonte de consulta imprescindível para todos aqueles que desejassem, a partir de então, falar sobre a nossa cidade. Três significativos prêmios recebeu tal trabalho, em concurso de âmbito nacional - o da Aliança da Bahia, o Larragoiti Júnior, da Academia Brasileira de Letras, e o Caminhoá, do Governo do nosso Estado.

Já o antropólogo suplantava, de modo nítido, o médico, agora interessado por fronteiras novas, por horizontes mais vastos, por terras a descobrir. Mas ao antropólogo reuniu-se, em *Povoamento da Cidade do Salvador*, o historiador paciente e cuidadoso que não desprezou a leitura dos documentos buscados, com esforço, nos arquivos, examinando-os com inteira consciência do quanto valiam e os submetendo a uma severa e acurada crítica. O pesquisador da nossa história já ali estava configurado, com todas as qualidades que se pode exigir de um homem de pesquisa.

Não creio cometer imperdoável deslize se, em momento como esse, afastar-me da análise da obra e da pessoa do homenageado para falar de alguém a quem muito devemos nesta terra e que possibilitou ao nosso Mestre Emérito galgar, de modo mais rápido, os degraus que o levariam ao ápice da escalada que o consagraria. Refiro-me aqui a Anísio Teixeira, momento inesquecível na história

da inteligência da Bahia.

Naquele ano de 1949 exercia ele o cargo de Secretário da Educação e Saúde do Estado, no governo de Otávio Mangabeira. Sob os seus auspícios e por sua inspiração aqui deu início a um plano gigantesco de pesquisas sociais, com a colaboração da Columbia University e a então criada Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia. Entregou Anísio Teixeira a responsabilidade total dessa ingente tarefa a dois homens eminentes que lhe mereciam inteira confiança - o Prof. norte-americano Charles Wagley e o Prof. Thales de Azevedo.

Desse programa disse, certa feita, o nosso homenageado, ter tido "função estimuladora do interesse pelos estudos socio-antropológicos científicos na Bahia". Dele se orgulhou pelo muito que realizou e pelas numerosas oportunidades que abriu para numerosos estudantes baianos que dele partiram para vãos ousados além das nossas fronteiras. Dele, diria eu, haver sido o principal fator responsável pela conversão definitiva do médico interessado em problemas sociais em antropólogo puro, pela travessia em definitivo da linha de fronteira entre a Medicina Social e a Antropologia.

Dois anos depois, já em 1951, publicava Thales de Azevedo, sob o título *Civilização e mestiçagem*, um pequeno folheto de pura inspiração antropológica. E pouco após, no âmbito previsto pelo Programa de colaboração já referido entre a Columbia University e a Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia, por solicitação da UNESCO, publicava em Paris, o seu trabalho *Les élites de couleur d'une ville brésilienne*, pioneiro no estudo dos canais de ascensão social dos negros na sociedade baiana, obra cuidadosa e bem elaborada que o consagraria, como antropólogo, já agora sobre áreas mais amplas que não os horizontes estreitos do Brasil.

Daí por diante um evoluir contínuo. Em 1955, tomando por base sua experiência pessoal de católico praticante, dispôs-se a estudar o catolicismo, considerando-o um proveitoso campo de trabalho para as pesquisas sociais. Em 1956 já escrevia sobre a Igreja e o problema racial no Brasil e em 1957 sobre a sociologia da religião na América Latina. Voltaria, depois, a esse mesmo tema, com cuidado maior e mais persistência. Mas já então a sua ótica de investigador arguto vislumbrava ao longe um novo horizonte a ser atingido. E nesse mesmo ano publicava seu primeiro trabalho sobre a aculturação dos italianos no Rio Grande do Sul.

Nos anos que se seguiram, sua participação ativa na administração da Universidade da Bahia o desviou um pouco de suas atividades de pesquisa. Soube, no entanto, canalizar, naquele instante, seus esforços para a realização de um dos seus sonhos mais caros - a fundação na Bahia, em 1961, do *Instituto de Ciências Sociais*. Desde 1955 o planejara. Foram necessários, contudo, seis anos, para que o visse surgir. Infelizmente, para logo depois vê-lo

tragado pela voracidade sem termo de uma burocracia inepta e desorientada que terminou por impor aos brasileiros um modelo de Universidade inadequado e nocivo.

Em 1964 passou a dirigir a Faculdade de Filosofia da nossa Universidade e durante o tempo em que ali esteve dedicou-se, de corpo e alma, a predispor alunos e professores para um estudo apurado e em profundidade da essência da reforma universitária em andamento. Foi incansável na arregimentação contínua de tais elementos para discussões contínuas, reuniões freqüentes, muito atento e preocupado com os destinos da Universidade brasileira e, mais particularmente, com a verdadeira missão das Faculdades de Filosofia. Sem que deixasse, contudo, durante tal período, no pouco tempo que lhe sobrava, de continuar publicando, no Brasil e nos Estados Unidos, artigos vários sobre assuntos de antropologia.

É de 1966 o seu livro *Cultura e situação racial no Brasil*. De 1968, o seu livro *Evasão de Talentos*, obra a um só tempo de análise e denúncia, dadas as circunstâncias daquele momento político. De 1969, *Catolicismo no Brasil*. Nesse mesmo ano havendo colaborado na redação da *História do Banco da Bahia*, ali escrevendo um dos seus capítulos.

No ano de 1975, um novo triunfo nacional. Concorrendo ao concurso nacional de monografias sobre a imigração italiana, patrocinado pelo Governo do Rio Grande do Sul, obteve, com todos os méritos, o primeiro lugar, concorrendo com historiadores e pesquisadores daquele e de outros estados do Brasil meridional, presumivelmente mais afeitos ao tema em estudo. Seu livro *Italianos e gaúchos - os anos pioneiros da colonização italiana no Rio Grande do Sul* passava a integrar a bibliografia básica e indispensável de qualquer estudioso da imigração italiana no Brasil. Livro primoroso tanto na sua sistemática e organização dos assuntos como no cuidado e critério na utilização dos dados coletados e referidos.

Mas nesse mesmo ano publicaria mais dois trabalhos - *Namoro à antiga*, uma análise de costumes baianos, sob uma perspectiva histórica e cultural e *Democracia racial* - livro polêmico e corajoso, onde procurou Thales de Azevedo firmar o seu ponto de vista sobre os problemas do relacionamento inter-racial no Brasil.

A partir de 1978 suas atenções estariam voltadas, mais uma vez, para o problema religioso. Foi quando escreveu *Igreja e Estado em Tensão e Crise*, para em 1981 publicar *Religião civil brasileira*. E lhe surgiu, então, nova perspectiva, já perfeitamente delineada em seu último livro - *Os Brasileiros - estudos de caráter nacional*, obra que abre um novo campo de trabalho para a inquietação intelectual de Thales de Azevedo.

Falar com detalhes de cada um dos seus livros é tarefa que ultrapassa os limites do tempo que me foi concedido. Não o farei, portanto, ainda que tentado por alguns deles, os meus preferidos.

Limitar-me-ei, portanto, a considerar o nosso homenageado no conjunto magnífico do seu trabalho repetindo apenas o que dele disse o sociólogo pernambucano Gilberto Freyre, ao considerá-lo "um dos melhores cultores dos modernos estudos de Antropologia Cultural no Brasil", e dos seus trabalhos, serem "expressões de um saber sério e de uma elevada consciência de cientista que é também humanista".

Permitam-me porém, que termine o meu discurso falando na condição de antigo discípulo de Thales de Azevedo. Discípulo por 30 anos, desde o ano de 1952, quando o tive por mestre na Faculdade de Filosofia. Para dele dizer como disse Marco Aurélio, referindo-se a Sextus Empiricus. Da sua benevolência para todos aqueles que o buscaram e ainda buscam, ávidos por ouvir dos seus lábios um conselho sábio, uma observação pertinente, sem nunca temerem ser menosprezados ou tornados ridículos. Da sua solicitude atenta para com os amigos, atendendo-os sempre nos mais simples ou nos mais difíceis pedidos, fossem para a leitura de uma conferência, a participação num debate, uma simples palestra, ou tão somente a sua presença, sua participação, seu incentivo. Da sua capacidade de saber harmonizar pontos-de-vista aparentemente opostos, revelando-os mais próximos entre si do que as paixões extremadas dos seus defensores poderiam entrever. Da sua capacidade de ordenar e dar ritmo a uma vida exempar de pai de família, amante dedicado da sua esposa, seus filhos e netos. Do seu modo de elogiar sem alarde e sem propiciar empáfia a quem dele receba o elogio. E finalmente, da sua humanidade, virtude das virtudes, na condição de *mestre*, na real acepção dessa palavra, por saber orgulhar-se, de modo sincero, reconhecendo nos passos dos que um dia se foram por suas mãos levados como discípulos, os sinais indeléveis da sua presença, do seu exemplo, da sua contribuição, das suas idéias. Pois que são raros os que realmente se sentem satisfeitos com isso. De Thales de Azevedo direi que isto é verdade.

Querido mestre Thales, como seu discípulo e na qualidade de intérprete da comunidade universitária da Bahia, aqui estou, nestas últimas palavras, para agradecer-lhe por tudo aquilo que tem dado, e praza aos céus, continuará dando, por numerosos anos, a esta sua terra, que neste instante se curva aos seus pés, sinceramente comovida.

SUMMARY

As a representative of the university community of Bahia, the author intends to stress the importance and the amount of the debt of the said community to Professor Thales Olímpio Góes de Azevedo for what he has done for all of us in the course of his life as a scientist and university professor. The author considers the granting of the title of Emeritus Professor to

Dr. Azevedo a genuine act of gratitude and, accordingly, exalts his virtues, at the same time as he reconstructs, in large strokes, Dr. Azevedo's itinerant journey through various branches of knowledge, beginning in the medical sciences, through History and Anthropology, by quoting from and commenting on the publications of the professor's voluminous work.

RÉSUMÉ

En tant qu'interprète de la communauté universitaire de l'Etat de Bahia, l'auteur se propose de mettre en relief tout ce que doit cette communauté au Professeur Thales Olympio Góes de Azevedo, dont elle a tant reçu au long de sa vie d'homme de science et de professeur. Il considère que l'attribution du titre de Professeur Emérite est un acte de véritable gratitude envers cet homme dont il exalte ensuite les vertus en reconstituant, à grands traits, son cheminement dans les divers domaines de la connaissance, de la médecine à l'Histoire et à l'Anthropologie, à l'aide de citations et de commentaires des nombreux livres qu'il a publiés.